

Artigo

“Eu não pertenço aqui”: atendimento a estudantes universitários em sofrimento

Laiz Maria Silva Chohfi^a 
Joyce Cristina de Oliveira Rezende^b 

^aUniversidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

^bDefensoria Pública do Estado de São Paulo e Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este estudo apresenta dois atendimentos realizados em projetos de escuta psicológica a alunos de uma universidade pública e estadual. Um ocorreu de forma presencial e o outro de forma online, durante a pandemia da covid-19. A aluna atendida presencialmente era negra e periférica e o aluno era branco e de baixa renda. Ambos relataram se sentirem pressionados a apresentarem um desempenho exemplar. Evidenciaram também não se acharem pertencentes ao ambiente da universidade. Partindo da etimologia das palavras sofrimento, humilhação e humildade, que tem relação com suportar um peso e cair ao chão, discute-se o sofrimento desses estudantes como sendo atravessado por questões especialmente de classe e raça, redundando no que se conhece como construção do fracasso escolar. Não compreendendo permanência como sinônimo de auxílios financeiros ofertados a estudantes, denota-se a importância e necessidade de projetos voltados a atendimentos psicológicos dos alunos universitários, sobretudo aqueles considerados de baixa renda.

Palavras-chave: plantão psicológico, atendimento online, sofrimento universitário, fracasso escolar, permanência estudantil.

Introdução

Em geral, nas universidades brasileiras há (normalmente) dois grandes grupos de serviços/projetos de cuidado oferecidos aos estudantes. O primeiro é o dos serviços ou projetos de extensão, que são aqueles em que, oferecendo estágio prático para os estudantes de determinado curso, ofertam também possibilidades de cuidado à população em geral, nesta estando contida o restante dos estudantes da própria universidade. Os serviços e projetos desenvolvidos por cursos de graduação em psicologia se enquadram nessa categoria (Santos & Rocha, 2009; Autora, Autora et al, 2012; Dutra, 2017).

Já o segundo grupo são os serviços oferecidos como integrantes da assistência estudantil. São aqueles responsáveis por executar a política de assistência da universidade. Normalmente, são compostos por assistentes sociais que fazem análise socioeconômica dos estudantes para verificar quais auxílios a universidade pode oferecer a eles a fim de facilitar a permanência no ensino superior (Vargas, 2008; Silveira, 2012; Fernandes, 2012; Felipe, 2015; Reis, 2015). São serviços que têm como alvo, os alunos mais pobres da universidade, e alguns, embora existentes muitas vezes há mais de trinta anos (Silveira, 2012; Fernandes, 2012; Reis, 2015), tiveram suas políticas de permanência estudantil criadas e/ou unificadas recentemente, uma vez que a preocupação com o corpo discente universitário se dirigiu, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, ao cuidado com a evasão universitária

(Fernandes, 2012; Silveira, 2012). É só a partir do começo dos anos 2000 que se começa a dirigir atenção para a permanência na universidade no Brasil, e não somente para as razões que levam os estudantes a não terminarem seus estudos (Fernandes, 2012; Silveira, 2012).

Mais recentemente, dado que os estudantes passaram a continuarem no ensino superior em parte graças aos programas de assistência estudantil implementados, tem sido possível verificar qualitativamente a experiência de permanecer, buscando evidenciar se há sofrimento envolvido (Autora, 2021; Oliveira, 2022; Maia Neto, 2022). Nesse sentido, compreendemos que o cuidado e a atenção para com o aluno universitário, como fim em si mesmo, é relativamente recente no território brasileiro.

O presente artigo tem por objetivo corroborar com a necessidade de cuidado para com a população universitária, sobretudo com alunos de baixa renda, atravessados também por questões de classe, raça e gênero. A partir da apresentação de dois projetos de atendimento psicológico a alunos universitários e de dois atendimentos, cada um realizado em um dos citados, buscamos evidenciar a existência de sofrimento específico que deriva da própria permanência na universidade, especialmente para essa parcela da população.

Um dos projetos se encaixa no grupo dos que são oferecidos como parte da extensão universitária e foi construído durante a pandemia. Até o momento, ele oferece possibilidade de cuidado na modalidade online. Já o outro se enquadra nos disponibilizados como parte da assistência estudantil e foi construído durante os

Endereço para correspondência: laiz.chohfi@usp.br

anos de 2013 e 2017, com atendimentos presenciais. Para dar a ver o sofrimento que parece derivar da própria permanência na universidade, optamos pela seguinte estrutura: descrevemos brevemente ambos os serviços, a fim de oferecer contextualização das práticas realizadas; na sequência, a partir dos diários de bordo escritos pelas autoras, apresentamos os atendimentos realizados; e por último, partindo da evidência do que se pode compreender como sofrimento universitário, atravessado especialmente por questões de classe e raça, tecemos considerações que visam corroborar com a necessidade de projetos que se dediquem ao cuidado psicológico com esse público e que leve em consideração tais atravessamentos.

Atendimento psicológico em assistência estudantil

O serviço que será apresentado a seguir passou a ser oferecido na universidade pública e estadual da qual fazia parte com a contratação de sua psicóloga responsável, uma das autoras deste artigo. Ela passou a integrar a Divisão de Promoção Social (DPS) da universidade, junto da assistência estudantil.

Fazia parte do trabalho do Serviço Social, integrante da DPS, realizar análises socioeconômicas, ofertar os auxílios e acompanhar os alunos que os recebiam. Esse acompanhamento consistia numa verificação das avaliações e notas recebidas por esse grupo de estudantes, uma vez que os auxílios dependiam da manutenção de determinada média. Além disso, as assistentes sociais também eram convocadas para resolução de conflitos entre alunos, especialmente aqueles que moravam na residência estudantil oferecida pela universidade. Quando o comportamento desviava do que ali se poderia considerar “normalidade”, eles eram encaminhados para o atendimento psicológico. Exemplos do que poderia ser considerado “desvio” nesse contexto variavam de estudantes cujas notas caíam com o passar dos semestres, que faziam abuso de algum tipo de substância ou que possuíam algum diagnóstico e faziam acompanhamento psiquiátrico.

Num primeiro momento, o projeto de atendimento psicológico se dedicou a atender somente alunos e alunas encaminhadas pelas assistentes sociais. Já partindo de uma atitude cartográfica, prática que consiste em conhecer a instituição a partir daqueles e daquelas que a integram (Morato, 2007), a psicóloga pôde construir a compreensão de que dessa maneira não se atendia a demanda própria dos estudantes universitários da faculdade. Cartografar, significou, ao mesmo tempo em que os atendimentos eram realizados, dedicar atenção ao questionamento permanente: o cuidado oferecido aos estudantes fazia sentido no contexto que se apresentava? Principalmente dado que só na moradia estudantil há mais de 1.200 vagas, e que há ainda outros tantos que recebem auxílios sem viver na residência e que as assistentes sociais encaminhavam somente aqueles que, a partir de seu

juízo, precisavam de ajuda. Assim, compreendeu-se que atender somente os encaminhados não fazia sentido enquanto cuidado com o corpo discente que recebia auxílios de permanência estudantil.

Após um ano de funcionamento o serviço se estabilizou em duas frentes de trabalho em 2014. Contando com a colaboração de estagiários, que integravam a equipe junto da psicóloga responsável, oferecia-se Plantão Psicológico aos alunos que recebiam auxílio da universidade. Buscava-se, acompanhando a raiz dessa modalidade de atendimento psicológico, compreender e construir, junto daquele que procurava por ajuda, sua própria demanda, para que pudesse se encaminhar num responsável cuidado consigo mesmo. A outra frente de trabalho era, mediante a demanda que se apresentava nos Plantões e em conversas com o Serviço Social, buscar serviços interessados em desenvolver projetos em parceria, sempre com a finalidade de conceder atendimento adequado às demandas que se mostravam. Compreende-se que Plantão Psicológico é maneira pertinente de prática psicológica em instituições (e, nesse sentido, no contexto dessa universidade) na medida em que pode ser compreendido como uma abertura para que a demanda possa se mostrar. Num espaço com tantos estudantes, o Plantão dinamiza o atendimento, oferecendo abertura para que encaminhamentos diversos possam ser feitos caso sejam necessários, além de poder ofertar o espaço de escuta e conversa necessário e suficiente aos estudantes. Ademais, é uma modalidade que faz sentido caso se leve em consideração o volume de atendimentos, que inviabiliza a prática de psicoterapia, partindo-se também da compreensão de que a Psicologia pode ofertar outras modalidades de prática pertinentes diferentes do clássico atendimento continuado.

Atendimento psicológico online durante a pandemia

Com a decretação da pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 e, na semana seguinte, o fechamento da universidade, começou-se a articular um projeto de atendimento online para a população. Reunindo diversos laboratórios e serviços de Psicologia, foi criado um projeto para atendimento online para a comunidade interna, contemplando discentes de graduação e pós, funcionários e docentes.

No início, como não havia autorização do Conselho Regional de Psicologia para que graduandos atendessem remotamente, o projeto contou com a colaboração de psicólogos voluntários, muitos desses pós-graduandos. Os professores ofereceram diversos espaços de supervisão para a discussão dos casos. Depois de alguns meses, no segundo semestre de 2020, os graduandos também começaram a fazer atendimentos, mas em duplas. Eles fazem supervisão toda semana, enquanto a participação dos já formados é facultativa.

A pessoa interessada no atendimento preenche uma ficha no site com diversas informações; além dos dados pessoais, a pessoa deve informar, brevemente, as motivações para o atendimento, dando-se preferência às questões relacionadas à pandemia e quarentena, bem como deve avaliar seu grau de necessidade para o atendimento: de urgente a “tem condições de aguardar o tempo que for necessário”. A ficha é recebida pela Secretaria formada por integrantes do projeto (pós-graduandos ou psicólogos trabalhadores da universidade), que a encaminha para um psicólogo ou graduando. O psicólogo, então, entra em contato com a pessoa por e-mail a fim de combinar dia e horário para o atendimento. Chegando-se a um consenso, ele encaminha um e-mail com o link para atendimento.

O projeto não é amparado em uma abordagem psicológica específica, de forma que cada profissional tem a liberdade de trabalhar de acordo com a sua orientação teórica. Não se trata de psicoterapia; a proposta é ocorrer um ou alguns encontros, encerrando-se o atendimento ou encaminhando para algum outro serviço do próprio curso ou da rede pública. Encerrado o atendimento, o psicólogo ou graduando responsável preenche uma ficha com um breve relato, que fica sob a guarda da Secretaria do projeto. Há possibilidade de a pessoa atendida retornar ao projeto, podendo ou não ser atendida pelo mesmo profissional.

Havia a previsão de o projeto encerrar as atividades em dezembro de 2020; porém, com a continuação da pandemia e quarentena, as atividades continuam. Mesmo com a retomada das atividades presenciais da universidade, os atendimentos seguem sendo oferecidos.

Apresentação e discussão dos atendimentos

Da prática em pesquisa em Psicologia, dependendo do desenho da investigação, podem ser necessárias ferramentas que privilegiem tanto a narrativa quanto a mostra da experiência, seja daquele que pesquisa ou de quem é participante delas. Uma das ferramentas das quais se pode lançar mão é a escritura de diários de bordo.

Um diário não deve ser restrito a acontecimentos e não deve ser um mero relato; deve conter angústias, reflexões e anseios de quem escreve. Aun (2005) afirma que “escrever diários são momentos de criação de sentido, testemunhando-se como registro plural e único” (p. 30).

Diários são marcas em forma de escrita – depoimentos rememorados. Escrever é comunicar, é narrar. Um Diário de Bordo é feito por um protagonista, a próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência. Comunicando algo vivido e sentido, um diário é como um tecer de muitas histórias interligadas. Histórias estas também tecidas por entre outras narrativas. Mas narrar é também deixar sangrar, recordando palavras que se deixaram marcar como estilhaços de vidro ainda cortantes (Aun, 2005, p. 29).

Um diário de bordo não deve ser um mero relato do que aconteceu; daí a preferência por usar o termo “bordo”, e não “campo”. Considera-se estar *a bordo* de uma grande viagem, mas sem saber seu destino final. Escrever um diário exige reflexão e escolha de palavras, sendo diferente da fala. É posicionamento político a partir da prática psicológica, buscando ainda por conservar espaço e importância para o fazer primeiro da transmissão de conhecimento, que se dá a partir da narrativa e troca de experiência. É posicionamento que busca ir de encontro ao que Benjamin (1987) chama de pobreza ou empobrecimento das experiências.

A seguir, passa-se a apresentar os diários de bordo dos atendimentos realizados nos projetos anteriormente descritos.

Plantão psicológico em assistência social: Flor

Fui até a sala de espera. Era dia de plantão e Flor tinha chegado fora do horário. Eu tinha compromissos em seguida e planejava “dispensá-la” e pedir que retornasse na próxima semana. Não pude, pois fui profundamente afetada por sua palidez.

Ela estava, naquele dia, monocromática: vestia marrom e também era de pele marrom. As olheiras, ainda assim, destacavam-se num tom mais escuro. A boca, embranquecida, rachada. Quase parecia que faltava vida ali.

Chamei-a para a minha sala e, sem que conseguisse completar minhas saudações, vi a moça mirradinha desmoronar na cadeira. “Eu não pertenço aqui”, ela me dizia. E escorria a dor pelos olhos.

Rainha da Lua, literalmente tatuada de experiência, pus-me a ouvir e a investigar com ela, como quem costura a quatro mãos os retalhos de uma história, o que é que se passava. Flor solicitava minha companhia numa viagem a terras hoje distantes de minha vida, mas nem por isso desconhecidas. Convocava-me a retornar para a periferia de São Paulo, lugar que conheço bem. Origem.

De lá, trazia-me novas não tão novas de como para todos não fazia o menor sentido a escolha que ela havia feito para sua vida: cursar Ciências Sociais na Universidade. Com um sonho nas mãos, os pés de Flor se puseram a andar, querendo chegar aqui aonde chegou. De sedentária, passou a viajante. Da familiaridade com o quintal de casa, passou a estranhar e a ser estranhada.

Flor, com muito custo, conquistou o bilhete de entrada do sonho tão sonhado. Que pesadelo se tornaria! Mal sabia ela. Ou talvez soubesse, pois me disse que essa vitória nem fora comemorada. E já são dois anos...

Caminha hoje por outro mundo, a universidade tão sonhada e idealizada. E duvida se quer continuar a sonhar aqui. “Eu não pertenço aqui”, ela dizia e dizia e dizia novamente.

Aproximando a lupa, olhamos juntas com mais atenção e apego. Segurando em minhas mãos, Flor pôde olhar mais de perto, mas não sem medo. Medo do

fracasso, da decepção dos pais. Dizia-me ela que não deveria estar aqui, pois não tem bagagem suficiente para isso. “Não vim de escola boa, vim de escola pública, não aprendi o suficiente para estar aqui e viver aqui”, “tudo aqui me diz que eu não sou daqui”.

De melhor aluna da sala, passou a pior aluna do mundo – pelo menos para si. De caminhante, passou a engatinhar. E a sofrer. A solução? Estudar. Estudar mais que se alimentar, mais que respirar, mais que viver. Até estafar. Até não se lembrar do que estudou. Até tirar zero de novo. O mundo dizia que ela não devia estar aqui, as notas o diziam. Ela o dizia também.

Atendimento psicológico online: Leãozinho

Recebo a ficha de Leãozinho acompanhada de dois relatórios: já era a terceira vez que ele procurava o projeto. O que chama a atenção, uma vez que a maior parte das pessoas que eu atendi havia procurado atendimento pela primeira vez. Leio os outros dois relatórios, mas decido esperar para ver quem se conectaria ali, após algum tempo do último atendimento com outro colega.

Pela câmera, vejo uma cama bagunçada e dois armários simples; Leãozinho é um rapaz de quase trinta anos, com barbas e cabelos grandes, branco e magro. Fala pausada, vontade de chorar, voz embargada. Diz que piorou nos últimos dois meses – quando havia ocorrido o último atendimento – e apresenta um lamento monotemático: minha vida estava tão boa, havia planejado escrever a dissertação esse ano, adiantado os créditos, e veio a pandemia. Ele era mestrando na Matemática, tinha um prazo curto para escrever alguma coisa para entrar no Doutorado direto. Sua orientadora o estava estimulando a isso, a entrar já no Doutorado, mas vinham as incertezas: teria bolsa? Como se manter na Universidade? Não seria melhor somente terminar o mestrado e ir para o mercado? Mercado esse que tem uma boa remuneração na sua área. Mas seria feliz trabalhando incansavelmente em algo que não gosta?

Contudo, Leãozinho já tinha um histórico de transtorno de ansiedade generalizada desde a graduação, cursada em dois campi da Universidade, em cidades diferentes. Ele relatava estar “pior do que no pior momento” de sua vida e apresentava também grande medo de contrair a covid-19 e contaminar seus pais, já idosos; sua maior preocupação era com sua mãe, em remissão de um câncer. Ele raramente saía de casa e estava com medo, inclusive, de ir até o psiquiatra para se consultar.

Como Leãozinho não tinha recursos financeiros para custear uma psicoterapia – recebia uma bolsa de mestrado e ajudava seu pai, uma vez que ele teve redução de salário – combinei de acompanhá-lo até o prazo que ele tinha para se inscrever no Doutorado, dali a cerca de sete semanas.

No atendimento seguinte, vejo o desânimo personificado na minha frente; ou somente a cara do desânimo. Seguro-me para não forçá-lo demais, não empurrá-lo enquanto quem deveria dar os passos era ele. Leãozinho encontra-se, ao mesmo tempo, no passado e no futuro, não no presente. No passado: “era para ser um ano tão bom, estava tudo planejado”; e no futuro: “o que vai acontecer?”.

No terceiro encontro, ele aparece um pouco melhor, com ideias novas para o mestrado. Para sua pesquisa, ele necessitava utilizar o computador da Universidade, que era mais potente. Conseguiu fazer a pesquisa de outra forma, utilizando outros recursos disponíveis na internet. Isso deu a ele um pouco mais de ânimo, ao saber que era possível finalizar minimamente seu trabalho.

Na semana seguinte, ele estava com a parede branca ao fundo. Pergunto se ele estava em outro local, e ele me conta que está em seu quarto mesmo, somente havia virado a mesa, já que está dando monitoria em uma disciplina da graduação. Explica para mim como é difícil explicar o conteúdo sem ter uma lousa ou estar presencialmente com as pessoas, e chegou a me mostrar as enormes equações que aprende, além de dizer como é difícil digitar essas equações. Sente que tem que fazer muito mais esforço que seus colegas para entender a matéria, e duvida de que merecia estar ali, no mestrado. Tem medo de decepcionar sua orientadora que aposta nele, afirmando que, como o mercado remunera muito bem na sua área, não são os melhores que decidem seguir carreira acadêmica. Nesse dia ele estava mais animado, mais falante, e conta que recebeu uma ligação de um serviço da Universidade para fazer psicoterapia. Comemoramos a notícia. Ele havia se inscrito para terapia cerca de 1 ano e meio antes.

Fizemos mais uma sessão de fechamento e apontei o quanto ele progrediu nesse pouco tempo, o quanto não estava mais tão desanimado, o quanto estava caminhando. Foi bastante penoso atendê-lo no início, as longas pausas, o desânimo, a inércia; mas foi fundamental respeitar o tempo dele, estar ao lado, mesmo que longe, para ele se levantar e seguir.

Articulação: compreensão possível dos atendimentos

É possível dizer, a partir da leitura dos diários de bordo acima transcritos, que ambos os estudantes se apresentam em sofrimento; muitas vezes essa é a razão pela qual buscam atendimento. Compreendemos sofrimento conforme articulação proposta por Andrade e Morato (2004):

1. . . . etimologicamente originário do grego *pathos*, sofrer assume o significado de sentir, experienciar, tolerar sem oferecer resistência, ser afetado, dizendo da condição de se pôr em

movimento por qualquer emoção. Em latim, sofrer origina-se de *subferre*, referindo-se a suportar por debaixo, implicando dois significados: tolerar um peso e sustentar um peso. No primeiro, sofrer diz respeito a uma dor, ao passo que no segundo diz de uma força ou de um poder ser. Assim, em ambas as origens, sofrimento refere-se à situação de ser afetado pela ambiguidade própria da condição humana. Diz da dor frente ao desamparo do homem na sua tarefa de existir, suportando a inospitalidade dos acontecimentos para conduzir-se adiante (p. 350).

Em ambos os casos, é possível ver o reflexo do sofrimento na experiência de ser aluno universitário: observar a paralisia pela existência do peso que se carrega, suporta-se e que esmaga. Vê-se brotar o medo de seguir adiante e a vontade de desistir no meio do caminho, aliados à constante dúvida de se pertencem ou não àquele lugar. Mas o que seria pertencer? Em discussão de diário de bordo a respeito de uma visita a um *campus* do interior de São Paulo de uma universidade estadual, Autora (2021) pontua:

Contam-nos também do quanto, para pertencer ao *campus*, é necessário se desdobrar: ir às festas, participar das atividades de aula e integrar grupos de atividades extracurriculares. Seja integrar o Centro Acadêmico, seja a Atlética, seja o “grupo de xadrez”, é necessário circular. E estudar. E fazer iniciação científica. Sem tudo isso, conforme nos narraram as cinco meninas, se é “mal visto” na universidade (p. 135).

Nessa direção, pertencer parece se relacionar com dar conta de atividades com excelência. No caso de Flor, estudar sem parar e necessariamente tirar a nota máxima era uma de suas tarefas. Já Leãozinho, que inclusive solicita atendimento por conta da realização de uma tarefa, precisa finalizar a escrita da dissertação, explicar aos alunos de graduação fórmulas e equações matemáticas sem os instrumentos necessários e ajudar os pais enquanto cuida de sobreviver à pandemia. Pertencer é, de certa forma, sofrer, na medida em que se suporta o peso das tarefas a serem realizadas.

Quando não é possível dar conta dessas com o máximo de desempenho, por mais que se compreenda que extrapolam o que é possível de realizar, os estudantes parecem se sentir inadequados. Flor expressa que “tudo aqui me diz que eu não sou daqui”. Leãozinho, por sua vez, duvida de se deveria estar cursando o mestrado. Não dar conta das tarefas do pertencimento faz com que os alunos se questionem pessoalmente: sentem-se despreparados e inferiores, como se não dominassem o conteúdo necessário para ocupar o lugar que ocupam.

Não parece ser possível questionar se a responsabilidade é deles ou se há exigência em excesso por parte da universidade na qual estudam – ou, em estando realizadas as tarefas, se não há nada que poderia contribuir para que não sofressem com o processo de dar conta delas. Tudo parece ser lido e encarado de maneira individual e individualista: deveria ser possível dar conta e é responsabilidade inteira e integral do estudante se ele não consegue. O peso desse sofrimento se carrega, muitas vezes, calado: na perspectiva dos alunos, não parece haver margem para questionar se são somente eles os responsáveis por seu mal-estar. Já estão sempre errados, necessitando estudarem mais ou se adaptarem melhor.

Gonçalves Filho (2007) define humilhação, aproximando-a de sua raiz latina, como ato de rebaixar alguém ao nível da terra. Partindo de sua definição, o autor também discute que ela leva ao exagero da humildade:

Humilhação, no sentido positivo, tem relação com humildade: modéstia, simplicidade reverência... “sagrado respeito . . . , qualidade própria de quem não se eleva diante de seus pares e menos ainda diante de espíritos altíssimos”. Humilhação, então, vai indicar o ato de tornar-se ou manter-se humilde, em nível da terra . . . (Gonçalves Filho, 2007, p. 188).

Embora os estudantes não verbalizem se sentem humilhados ou serem humildes, podemos perceber evidências desse fenômeno em suas falas. O peso do sofrimento é tanto que humilha, derruba ao chão. De humilhados sem conhecer o humilhador, uma vez que não identificam a universidade como causadora, tornam-se humildes: não sentem que podem se levantar. Devem somente suportar e agradecer por estarem ali, tendo a oportunidade de se desdobrar para continuar pertencendo (Reis, 2015).

Considerações finais

Pelo relato dos dois casos apresentados, fica evidente que o sofrimento desses estudantes decorre, muitas vezes, de suas condições de vida, o que a princípio é lido como uma situação individual: “eu não dou conta porque esse lugar não é para mim”. Quando buscaram pelos atendimentos, os estudantes pareciam desconhecer que o que lhes pesa sobre as costas na forma de sofrimento é fruto de uma combinação complexa e complicada de fatores: nos casos aqui apresentados, vemos atravessamentos raciais e de classe que, quando esquecidos, levam ao que se pode chamar de produção do fracasso escolar.

É dessa forma que pode ser nomeado o processo a partir do qual o/a estudante é inteiramente responsabilizado por suas dificuldades escolares. Desconsidera-se a responsabilidade da instituição de ensino, das condições de estudo, moradia

ou participação de pais ou familiares nesse processo. No caso de estudantes universitárias, são desconsideradas também as longas distâncias a serem percorridas entre suas casas, na periferia, e a universidade, e muitas vezes a triangulação entre casa, trabalho e universidade. Não se considera o quanto o deslocamento é cansativo e o quanto este impacta no rendimento escolar, o quanto o tempo de estudos é mais curto se somado a uma jornada de trabalho de oito horas diárias que, em sua maioria, não tem relação com a área de estudos. Não são consideradas também as diferenças facilmente identificáveis com relação aos colegas de turma: a cor da pele, as viagens de fim de ano, saber qual é o museu “*lá da França*”, dirigir “*Citröens*” e, por conta de tudo isso, conseguir acompanhar com mais facilidade o conteúdo ministrado durante as aulas (Autora et al, 2021, p. 33).

O fato de tanto Leãozinho quanto Flor serem provenientes de famílias de baixa renda leva ao contraste com os demais colegas no ambiente universitário, provenientes de colégios de elite e, aparentemente, mais adaptados àquele ambiente. Tendo sido as universidades criadas para que pessoas diferentes de Leãozinho e Flor estudassem, os colegas “de elite” têm vantagem desde as suas origens: o ambiente se parece com eles, foi pensado por eles e criado por e para eles. Leãozinho e Flor só podem, assim como tantos outros estudantes que agora acessam a universidade, se sentirem não pertencentes, o que costuma levar a um isolamento por não se falar o mesmo “idioma” que os colegas, desconhecendo o museu francês ou a marca de carros importados.

No caso de Flor, não se pode esquecer o atravessamento racial, sendo ela uma estudante negra no meio de colegas majoritariamente brancos. Nos últimos anos, as universidades vêm adotando cotas raciais, abrindo as portas para negros e indígenas, mas sem acolher as suas especificidades. As chamadas ações afirmativas têm como objetivo o aumento da inclusão dessa parcela da população no ensino superior. O que não se tem dedicado a devida atenção, ao que parece, é ao *como*: o que acontece do portão para dentro depois que esses alunos têm acesso à “tão sonhada universidade”, como diz Flor?

Já Leãozinho não é um estudante negro, mas sua família é de baixa renda. Enquanto muitos pós-graduandos não têm a obrigação e tampouco a necessidade de ajudar nas contas de casa, ele, que voltou a morar com os pais em outra cidade durante a pandemia, destina uma parte do valor de sua bolsa de mestrado (de valor baixo, não se pode esquecer) para comprar alimentos para si e sua família.

Em que medida a universidade acolhe as demandas de pessoas de baixa renda e/ou cotistas? Em que medida os colegas, originários da elite, acolhem seus companheiros de sala? Em que medida os docentes estão preparados para receber alunos que não se dedicam somente aos

estudos, mas que muitas vezes necessitam trabalhar para complementarem a renda familiar? Nesse sentido, serviços voltados à saúde mental dos estudantes são essenciais para políticas de permanência na universidade. Permanência é ato: alunos e alunas permanecem. Não pode simplesmente ser sinônimo de oferecer bolsas de estudo ou auxílio em espécie. A universidade que se dedica a cuidar da permanência estudantil precisa também favorecer condições dignas de convivência no ambiente, para que o pertencimento dessa parcela da população não esteja pautado somente na execução de tarefas.

Embora outras demandas possam aparecer em serviços/projetos dedicados ao cuidado com estudantes visando à permanência na universidade, quando se trata da parte do corpo discente que é de baixa renda e/ou tem outros atravessamentos de minoria, é imprescindível que o trabalho a partir da Psicologia busque a desconstrução do que se apresentou acima como fracasso escolar. Como dito anteriormente, os estudantes em sofrimento muitas vezes se fecham e se calam, entendendo que é uma experiência individual de fracasso pela qual são inteira e exclusivamente responsáveis. Ampliar a perspectiva, alargando o horizonte de compreensão, favorece que esses possam entender e identificar os atravessamentos: se os docentes não estão preparados para falar com eles, como podem compreender a matéria que está sendo transmitida? Se levam de 3 a 4 horas para chegarem na universidade, podem render o mesmo que o colega que leva 15 minutos e vai até lá com seu próprio veículo? A compreensão da própria situação como sendo construída de maneira multifatorial torna o peso mais suportável, favorecendo a possibilidade de mobilidade e permanência; há a possibilidade de se levantar os joelhos do chão, saindo da posição de extrema humildade.

Em pesquisa realizada por Autora (2021) buscando compreender como é a experiência do estudante em permanecer na universidade, foram realizadas conversas com estudantes de graduação e pós-graduação de uma universidade pública e estadual. Todos os estudantes de graduação com quem falou recebiam auxílio dessa universidade para permanência e, em sua narrativa a respeito de sua experiência, deixavam evidente que o ponto de virada, que fazia ser possível ultrapassar o sentimento de não pertencimento, era a compreensão do que estava em jogo e do que dificultava a permanência. Isso fazia com que se sentissem mais à vontade para correr o risco de falar a respeito, e falando, muitas vezes encontravam ao seu redor outros estudantes que passavam pela mesma situação. Entre pares, a permanência era facilitada e possível.

Dutra (2017) ressalta, ao narrar a experiência de atendimento a estudantes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que é preciso se atentar a não direcionar a escuta para os interesses da instituição, ou seja, ao desempenho acadêmico do aluno.

Embora o PP (Plantão Psicológico) tenha sido uma iniciativa da Universidade, a escuta se dirige ao

estudante, que naquele momento não deverá ser visto somente investido no seu papel na instituição, mas na sua singularidade, como um ser-no-mundo, num determinado momento da história (Dutra, 2017, p. 127).

Claro que devemos nos atentar à singularidade de cada estudante, mas ao mesmo tempo temos a pluralidade da

universidade; somos seres singulares e plurais e, ao mesmo tempo, estamos no mundo (Arendt, 1958/2010). Entendendo que a universidade também pode ser um ambiente que promove sofrimento e que pode ser adoecedor, é muito importante a promoção de possibilidades de vivência de grupos de universitários a fim de que esses não se sintam sozinhos em qualquer que seja seu sofrimento.

“I do not belong here”: assistance to university students in distress

Abstract: This study describes two services in projects that offer psychological listening to students at a public state university. A service took place in person and the other, online during the COVID-19 pandemic. A Black peripheral student was seen in person, whereas a white poor student was served remotely. Both reported feeling pressured to perform exemplarily. They also showed feeling as they if did not belong to the environment at their university. Starting from the etymology of words such as “suffering,” “humiliation,” and “humility,” which are related to bearing a weight and falling to the ground, the suffering of these students is discussed as being crossed by issues especially of class and race, resulting in what is known as the construction of school failure. Avoiding understanding permanence as a synonym for financial aid offered to students highlights the importance and need for projects aimed at psychological care for university students, especially those considered to be low-income.

Keywords: psychological duty, online service, university suffering, school failure, student permanence.

“Yo no pertenezco a este lugar”: asistencia a estudiantes universitarios en sufrimiento

Resumen: Este estudio presenta dos atenciones realizadas en proyectos que ofrecen escucha psicológica a estudiantes de una universidad pública y del estado. Una atención fue presencial; y la otra, de forma remota durante la pandemia del covid-19. La estudiante que recibió la atención presencial era negra y vivía en la periferia; y el estudiante atendido de forma remota era blanco y de bajos ingresos. Ambos informaron sentirse presionados a desempeñarse de manera ejemplar. También demostraron que no se sentían parte del entorno de la universidad. Partiendo de la etimología de las palabras sufrimiento, humillación y humildad, que se relacionan con soportar un peso y caerse al suelo, se discute que el sufrimiento de estos estudiantes está atravesado por cuestiones especialmente de clase y raza, dando como resultado lo que se conoce como la construcción del fracaso escolar. Al considerar que la permanencia no es sinónimo de ayuda económica ofrecida a los estudiantes, se resalta la importancia y necesidad de proyectos dirigidos a la atención psicológica de los estudiantes universitarios, especialmente aquellos de bajos ingresos.

Palabras clave: plantón psicológico, servicio en línea, sufrimiento universitario, fracaso escolar, permanencia de estudiantes.

« C’est n’ai pas ma place » : aide aux étudiants universitaires en détresse

Résumé : Deux services réalisés dans le cadre de projets offrant une écoute psychologique aux étudiants d’une université publique et d’État sont présentés. Un service a eu lieu en personne et l’autre en ligne pendant la pandémie de Covid-19. L’étudiant rencontré en personne était noir et périphérique; l’étudiant qui a bénéficié d’un service à distance était blanc et avait de faibles revenus. Tous deux ont déclaré s’être sentis obligés de fournir des performances exemplaires. Ils ont également montré qu’ils ne se sentaient pas à leur place dans l’environnement de cette université. En partant de l’étymologie des mots souffrance, humiliation et humilité, qui sont liés au fait de porter un poids et de tomber au sol, la souffrance de ces étudiants est examinée comme étant traversée par des questions de classe et de race, entraînant ce que l’on appelle la construction de l’échec scolaire. Ne pas comprendre la permanence comme synonyme d’aide financière offerte aux étudiants souligne l’importance et la nécessité de projets visant à la prise en charge psychologique des étudiants universitaires, en particulier ceux qui sont considérés comme ayant de faibles revenus.

Mots-clés : service psychologique , service en ligne , souffrance universitaire , échec scolaire , permanence étudiante.

Referências bibliográficas

- Andrade, A. N. de, & Morato, H. T. P. (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 345-353. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200017>
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Arendt, H. (1958/2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Benjamin, W. (1987). Experiência e pobreza. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura* (pp. 114-119). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Chohfi, L. M. S., Rezende, J., Oushiro, L., Lermes, R., & Rostworowski, A. (2013). Unindo buracos: a construção de uma Rede de Atenção em Saúde a partir do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). In C. L. Barreto; H. T. P. Morato. (Org.), *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp. 421-442). Juruá
- Chohfi, L. M. S. (2021). A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: um estudo da situação hermenêutica [Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13072021-173435/pt-br.php>
- Dutra, E. (2017). Plantão Psicológico numa Clínica-Escola: a escuta do sofrimento existencial de universitários. In: A. M. L. C. de Feijoo, & M. B. M. F. Lessa, (Orgs.). *Fenomenologia e práticas clínicas II* (pp. 109-129). Rio de Janeiro, RJ: IFEN.
- Felippe, J. M. S. (2015). Assistência estudantil no Instituto Federal Fluminense: possibilidades e limites para a permanência escolar e conclusão de curso. *Textos e Contextos*, 14(1), 145-155. doi: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.20388>
- Fernandes, N. G. de O. (2012). *A política de assistência estudantil e o Programa Nacional de Assistência Estudantil: o caso da Universidade Federal de Itajubá* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gonçalves Filho, J. M. (2015). Humilhação social: humilhação política. In B. de P. Souza (Org.), *Orientação à queixa escolar* (pp. 187-221), São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Maia Neto, H. L. (2022). *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades* (2a. ed.). Recife, PE: Ruptura.
- Morato, H. T. P. (2007). Pesquisa interventiva e cartografia na prática psicológica em instituições. In *Resumos do VII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições* (pp. 1-13). São Paulo, SP.
- Oliveira, R. A. (2022). *Saúde mental de estudantes universitários: fatores associados aos transtornos mentais comuns durante a vivência acadêmica* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Reis, I. de M. (2015). *Inclusão social no meio universitário: o discurso e a vivência cotidiana do estudante na EACH-USP* (Dissertação de Mestrado). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, J. O. B. dos, & Rocha, M. C. (Orgs.) (2009). *Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história*. São Paulo: Instituto de Psicologia/SAP.
- Silveira, M. M. da. (2012). *A Assistência Estudantil no Ensino Superior: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul.
- Vargas, M. L. F. (2008). *Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

Recebido: 17/11/2021 |

Aprovado: 29/05/2024